educativo
del

Cada pessoa que vivencia São Paulo tem seus encantamentos e incômodos com a cidade.

museu da cidade de são paulo

são paulo capital da cultura

CIDADE DE SÃO PAULO
CULTURA

São Paulo configura-se, atualmente, como uma das maiores e mais complexas cidades do mundo, onde convivem pessoas das mais diferentes origens, classe sociais, etnias e culturas. Para preservar a memória dessa cidade, dialogar com seus habitantes e produzir conhecimento sobre ela, o Museu da Cidade de São Paulo (MCSP) possui atualmente 13 unidades espalhadas por diferentes bairros e um amplo acervo estruturado em seis tipologias: fotográfica, arquivística, bens móveis, arquitetônica, história oral e bibliográfica; além de numerosa equipe interessada em pesquisar e incorporar a seu acervo o território, os atores sociais e as reverberações da história paulistana nos tempos atuais, considerando colonização, escravidão, imigração, população LGBTQIA+, infâncias, mulheres, entre outros. Nesse contexto, a própria cidade, com suas dinâmicas e conflitos, é considerada parte do acervo do museu.

Este material educativo foi desenvolvido a partir desse entroncamento de possibilidades de investigação sobre São Paulo e sua história, tendo como principal objetivo a sensibilização sobre como viver na cidade é atuar sobre ela, modificá-la e atribuir-lhe significados continuamente. Os quatro eixos conceituais que estruturam este material – estratigrafia, escala, ocupação e imaginação política –, longe de definirem receitas para a compreensão e interpretação sobre São Paulo e a atuação do MCSP, são convites a multiplicarmos maneiras de criar relações transdisciplinares, pessoais e coletivas com a cidade e os sujeitos que a compõem – e, portanto, são também coautores de sua história. Assim, ele tem como foco principal as experiências vivenciadas na cidade, buscando incitar reflexões sobre as relações que se estabelecem em seu território.

As 13 propostas de atividades, presentes no outro lado deste livreto, são direcionadas a diferentes públicos e faixas etárias, e podem ser realizadas em qualquer região da cidade de São Paulo, tendo professoras(es) e educadoras(es) como principais interlocutoras(es) e agentes multiplicadoras(es) desses percursos pedagógicos.

As imagens aqui presentes, parte do acervo do MCSP, dialogam de forma aberta e transversal com os quatro eixos conceituais, além de constituírem atalhos para começar conversas porosas às contribuições de professores(as), estudantes e outros sujeitos da comunidade escolar. Elas apresentam registros que podem fomentar conversas sobre formas de ocupação, organização e convivência na capital paulista em variadas épocas e contextos.

Há, ainda, 16 cartões contendo ilustrações de elementos que fazem parte do cotidiano na cidade, como árvores, objetos e símbolos urbanos, e 12 cartões com perguntas que convidam a diálogos e reflexões que abordam passado, presente e futuro, desejos individuais e coletivos. Esses materiais foram criados

para serem compartilhados com estudantes não somente na realização das atividades aqui propostas, mas também nas incontáveis outras formas de partilha e ativação que podem ser imaginadas pelas pessoas que os utilizarão.

Para saber mais sobre as partes que compõem o material educativo, veja o mapa-índice da página central deste livreto.

Os assuntos e ferramentas aqui apresentados possibilitam o desenvolvimento de projetos pedagógicos que têm a cidade como plataforma principal de pesquisa e criação, evocando conexões não somente com as disciplinas de geografia, história, língua portuguesa, artes, matemática etc., mas também com os processos de sociabilidade e desenvolvimento da subjetividade – que constituem parte importante da vida escolar – e com o adensamento das memórias e conhecimentos vindos do acervo operacional do MCSP: a própria cidade.

Desejamos que este material educativo atue como uma ferramenta e um convite para que professores(as), educadores(as) e estudantes percebam-se como parte da cidade e, cada vez mais, atuem sobre ela de maneira propositiva, crítica e criativa.

Boa leitura!

Neste momento você pode estar na sua casa, na escola, talvez em um museu, parque, biblioteca ou qualquer outro ponto da cidade. Você consegue imaginar como esse lugar surgiu ou quem passou por ele antes de você? Será que a sua presença afeta as pessoas que estão em volta? Ou, talvez, como a sua vida na cidade modifica a própria cidade? Onde essas histórias se cruzam?

O geógrafo Milton Santos define a cidade como “o chão e mais a população”. Em linhas gerais, ela configura-se como um espaço ocupado por um aglomerado de pessoas que se dedicam a atividades econômicas, desenvolvem relações sociais e formas de manutenção de sua cultura. No Museu da Cidade de São Paulo, a cidade é compreendida como artefato, representação social e campo de forças. É um artefato na medida em que foi construída por seres humanos, seguindo padrões culturais e com o objetivo de cumprir determinadas funções. Os habitantes da cidade são também parte dela, representando-a e vendo-se representados nela e em seus fragmentos – e, muitas vezes, percebendo-se mal representados ou excluídos. E, sendo um espaço de convivência entre pessoas, é o lugar onde se desenvolvem relações de conflito e interesses de natureza territorial, econômica, política, social, cultural e pessoal.

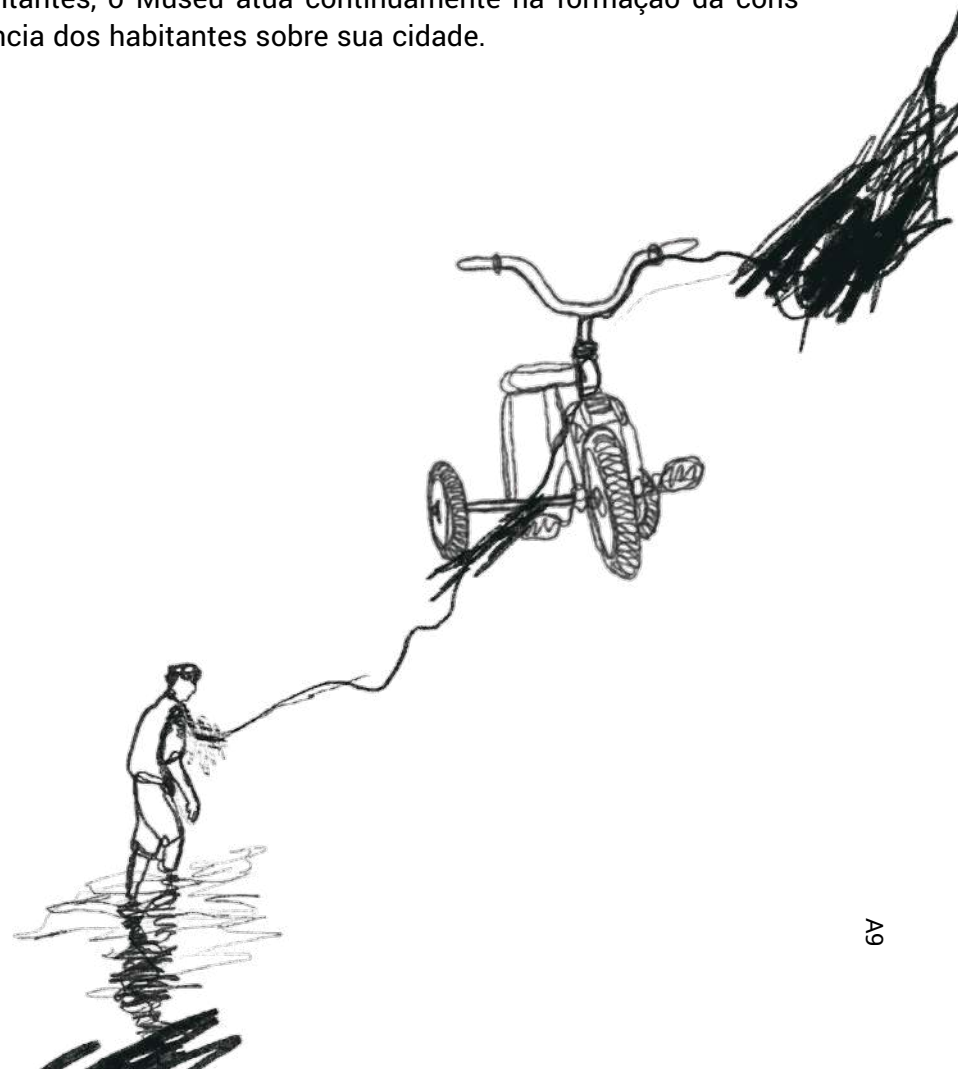
A paisagem da cidade está em contínua transformação. Se você for a um parque neste momento, verá um tipo de vegetação e uma estrutura, que é ocupada por pessoas realizando diferentes atividades. Observando fotos desse mesmo parque registradas a algum tempo atrás, ainda que a vegetação e a estrutura tenham sido conservadas sem muitas alterações, você irá notar que a paisagem é diferente: as pessoas, os usos e as relações mudam com o tempo. Caso você faça esse mesmo exercício de observação em outro lugar, talvez na rua de sua casa, perceberá que a paisagem também passou por mudanças: casas são reformadas ou ampliadas, por vezes demolidas, dando lugar a outras construções; as árvores crescem, às vezes são derrubadas; pode ser que a rua tenha sido de terra e hoje seja de asfalto; os comércios antigos podem ter dado lugar a empreendimentos novos ou, talvez, estejam resistindo no mesmo lugar há muitas gerações, mantidos pela mesma família – ainda assim, há grandes chances de que a fachada tenha mudado e incorporado formas contemporâneas de se comunicar com os habitantes da cidade.

Entendida como um reflexo da sociedade, a cidade constrói-se a partir de uma estrutura de camadas que foram depositadas no decorrer de séculos pelos vários grupos humanos que já viveram em seu território. Nesse sentido, podemos pensar na história da cidade a partir da lógica da estratigrafia, conceito emprestado do campo da geologia – ou seja, a ciência que estuda as estruturas da Terra – que pode ser compreendido como a pesquisa sobre origem, propriedades e surgimento das camadas que formam um determinado território, com o objetivo de ordenar esses elementos no tempo e, assim, interpretar sua evolução histórica.

No entanto, nem sempre uma nova camada permite que ainda seja vista aquela que foi construída antes, criando silenciamentos e novos discursos. Isso acontece de forma concreta ou simbólica. É uma sobreposição concreta, por exemplo, quanto uma casa antiga, que é testemunha da história de um bairro ou de uma família, é derrubada para dar espaço aos grandes prédios, normalmente feitos de forma padronizada. Esse mesmo exemplo pode ilustrar, também, uma sobreposição simbólica, que acontece quando uma camada de significado, por exemplo, o prédio novo de um bairro dito "moderno", invisibiliza a camada anterior: a história da casa antiga e de seus ocupantes, que podem revelar modos de vida, histórias, migrações, ciclos econômicos, formas de convivência e uma série de outros elementos.

A cidade é uma contínua sobreposição de camadas, histórias e experiências, onde o tempo se torna visível por meio das transformações do espaço e dos testemunhos das pessoas que lá viveram ou vivem. Essas sobreposições revelam não apenas a passagem do tempo, mas também as assimetrias que marcam a vida de diferentes sujeitos que, em função de sua classe social, gênero e origem étnica, têm suas memórias e modos de vida exaltados ou invisibilizados. Mesmo que, eventualmente, uma nova camada invisibilize parcialmente a anterior, ela não anula sua existência prévia: as camadas anteriores sustentam as novas que se erigem, sendo parte primordial de sua história e existência. Daí a importância de encontrar e inventar maneiras de preservar histórias, objetos e construções que possam oferecer dados sobre as camadas soterradas pelo tempo. Como os museus cumprem esse papel? Para além dessas instituições, como as camadas e histórias da cidade podem ser preservadas por seus habitantes?

No caso do Museu da Cidade de São Paulo, conta-se com os acervos institucional e operacional. O primeiro denota um valor documental e é organizado em coleções sistemáticas, salvaguardadas e geridas pelas equipes do Museu, compreendendo os acervos arquitetônico, fotográfico, iconográfico, arquivístico e bibliográfico, além da história oral, que registra a memória de movimentos sociais, de migrantes e do cotidiano de moradores de diversas localidades. Já o acervo operacional ultrapassa as fronteiras da instituição e abarca a própria cidade, com seus espaços, paisagens, objetos, equipamentos, relações e formas de ocupação. Dessa forma, incorporando tanto os artefatos históricos quanto a própria cidade e as dinâmicas nela criadas por seus habitantes, o Museu atua continuamente na formação da consciência dos habitantes sobre sua cidade.



No campo da arquitetura e da cartografia, a escala é uma estratégia que auxilia na representação de objetos, elementos naturais ou distâncias de tamanho diferente em relação ao suporte onde são apresentadas, como uma planta ou um mapa. Ela implica na definição de um ponto de partida, uma unidade para que se possa enxergar algo em comum.

Para falar da cidade de São Paulo, por exemplo, podemos tomar como ponto de partida sua totalidade populacional de mais de 12 milhões de pessoas, sua extensão geográfica de cerca de 1.500 quilômetros quadrados, os intensos fluxos de usuários do metrô ou as grandes obras urbanas que interferem na paisagem "vista de cima". Esse tipo de informação auxilia a compreender a dimensão genérica da cidade, bem como parte das políticas públicas e das visões de planejamento urbano.

Mas, diminuindo a escala em direção a, digamos, um bairro: que dinâmicas são específicas de certos territórios e não poderiam ser reproduzidas em outros, mesmo que compartilhem as mesmas fronteiras municipais?

Dando ainda mais zoom: que experiência de São Paulo terá uma pessoa que nunca atravessou a cidade? E alguém que vive fora da capital, na região metropolitana, e precisa se deslocar até o centro paulistano todos os dias para trabalhar? Podemos imaginar que, no mínimo, a noção do que é um trajeto curto ou longo, perto ou longe, ficará afetada por esses distintos cotidianos.

Ainda que a escala seja uma referência espacial, você já pode ter ouvido alguém comentando distâncias em São Paulo com medidas de tempo ou meios de transporte: "é pertinho, cinco minutos a pé" ou "é longe, tem que pegar ônibus, metrô e depois caminhar". Nesse contexto, como a forma pela qual nos deslocamos interfere na visão que temos sobre as características geográficas e culturais da cidade?

Uma pessoa que viaja de transporte particular conta com a conveniência de personalizar seu trajeto e, na maioria das vezes, diminuir sua duração, sem depender de horários de funcionamento de serviços; porém, sua noção da cidade pode ficar mais limitada aos espaços fechados e às interações programadas. Já quando caminha, mesmo que apressadamente, pode observar mais fachadas de casas, conhecer uma loja ou biblioteca, brincar com um cachorro, trombar com alguém sem querer ou sentir cheiros diversos; ao mesmo tempo, pode ser que não consiga atravessar uma via que não contempla a experiência pedestre ou que sinta insegurança em alguns locais públicos.

Segundo o Mapa da Desigualdade (2020), o tempo médio de deslocamento para o trabalho por transporte público em São Paulo é de 56,2 minutos. Esse dado nos auxilia a visualizar a cidade em comparação a outros municípios, mas também é interessante observar as disparidades dentro da própria metrópole: enquanto em distritos centrais, como Brás, Consolação e Bela Vista, o trajeto dura em média 30 minutos, em bairros distantes desses locais, como Parelheiros e Marsilac, ele chega a duas horas. Isso porque a maioria das atividades e serviços estão concentrados no Centro, e vale acrescentar que o perfil das populações dos bairros mais afastados dele evidencia não só as disparidades de acesso, mas também a desigualdade racial e econômica, de acordo com a mesma pesquisa.

Outra forma de refletir sobre escala é pensar nas noções histórica e geológica. Muito, muito antes das vias de terra ou concreto, o território que hoje chamamos São Paulo era ocupado apenas por rios, matas e outros seres. As escolhas feitas ao longo do tempo para ocupar esse lugar – a exemplo da canalização dos rios, da impermeabilização do solo, da destruição do ecossistema e da expulsão de populações de menor poder aquisitivo de seus locais de moradia – têm consequências até hoje, como observamos anualmente em enchentes, ondas de calor, surtos de doenças respiratórias e vulnerabilidade de populações que residem em áreas de risco, muitas vezes sem acesso a saneamento básico, transporte e outros serviços públicos.

Mas se não conseguimos literalmente viajar no tempo, a preservação de patrimônios culturais e naturais, bem como as ações de pesquisa, comunicação e educação a eles atrelados, nos permitem olhar a cidade para além da "medida" da nossa própria vida. Arquiteturas, documentos e objetos nos contam sobre o que se imaginou para a cidade, ou sobre quais ideias predominaram e quais ficaram para trás – a memória sempre pressupõe esquecimentos, visto que sua preservação está sujeita a projetos de sociedade criados, em sua maioria, por grupos que historicamente ocupam os lugares de poder.

Porém, tudo isso só faz sentido se ecoar no nosso momento contemporâneo: o contraponto entre a permanência desses patrimônios e as constantes modificações de seu entorno também pode produzir estranhamentos educativos, que informam sobre o passado, o presente e o futuro de São Paulo. Da mesma forma, só conseguimos analisar os itens preservados com a "escala" do nosso ponto de vista, da nossa própria história ou da nossa capacidade de nos deixar afetar pelas visões que chegam até nós.

Nesse quesito, a experiência da cidade é privilegiada: para transformar o "eu" em um "nós", algo tão fascinante quanto assustador, basta sair de casa.

Quantos sentidos pode ter a palavra "ocupação"? Segundo os dicionários, ela é compreendida como o ato de ocupar ou se apropriar de alguma coisa; a ação de estar em algum lugar, e também de lá permanecer; uma atividade desenvolvida por alguém; a tomada de um lugar e estabelecimento de moradia nele; entre outras possibilidades de atribuição de significado e interpretação.

Quando associada especificamente à cidade de São Paulo, a palavra “ocupação” também evoca múltiplos significados e relações. Apesar de ter se tornado oficialmente uma cidade apenas no século 18, a ocupação desse território começou muito antes. Se considerarmos a história tradicionalmente contada, o início da ocupação localiza-se no século 16, com a criação de uma pequena vila. No entanto, se olharmos para todos os grupos humanos que convivem nesse território, veremos que sua ocupação começou muito tempo antes. Essa história é atestada não somente por nomes de parques, rios, ruas, bairros, entre outros – como Jaçanã, Jabaquara, Morumbi, Ibirapuera, Tietê, Tamanduateí etc. –, que foram primeiramente nomeados por povos indígenas, mas também por registros arqueológicos que evidenciam a presença de formações sociais originárias nesse território há mais de 10 mil anos.

A cidade é ocupada por casas, prédios, lojas, estações de trem e metrô, terminais de ônibus, edifícios públicos, escolas, museus, praças, veículos e muitas pessoas; mas também existem plantas, rios, nascentes e diversas espécies de animais convivendo nesse espaço. Esses elementos são organizados pela Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS), uma legislação específica de cada município que define quais áreas podem ser ocupadas, bem como os tipos de construção e as atividades ali desenvolvidas, e também aquelas que devem ser preservadas sem construções, como as áreas de proteção ambiental.

Atualmente, cerca de 30% da área total da cidade de São Paulo é composta por Mata Atlântica – vegetação que já chegou a ocupar integralmente o território da cidade. Podemos observar remanescentes dessa ocupação ancestral até mesmo em locais menos arborizados, por meio da presença das epífitas: plantas nativas da Mata Atlântica que vivem em outras, principalmente árvores, sem prejudicá-las, a exemplo das bromélias, orquídeas e samambaias. Além de sinalizar a diversidade da ocupação não humana na cidade, as epífitas criam microambientes naturais ao disponibilizarem recursos alimentícios, água e proteção para insetos e pequenos animais.

Também falamos em ocupação quando observamos os diferentes grupos sociais e étnicos que transitam pelos equipamentos culturais, parques, praças, bibliotecas, entre outros lugares públicos da cidade que nem sempre cumprem sua

vocação e objetivo de receber todas as pessoas indistintamente. Sentar na praça ou ir a um museu para descansar, ler, conversar ou passar o dia constituem maneiras de ocupar a cidade com a própria presença, assim como passear, brincar, plantar, construir e propor novas maneiras de utilizar os espaços ociosos. Na cidade de São Paulo, a palavra "ocupação" também nomeia os prédios que, por estarem há muito tempo em desuso, são ocupados por famílias e transformados em moradia.

Em última instância, ocupar uma cidade é uma experiência de convivência e negociação. São Paulo está entre as cidades mais densas do país, dado que se evidencia quando observamos o entorno. Nas regiões centrais da cidade, principalmente, é comum vermos uma grande quantidade de pessoas circulando e muitas coisas acontecendo simultaneamente. Essa densidade cria também paisagens sonoras e olfativas. Experimente ficar em silêncio por alguns instantes, fechar os olhos e observar – motores de carros e ônibus, buzinas, vendedores ambulantes anunciando seus produtos, músicas, conversas, risadas, cantos de pássaros, latidos de cachorros, o som do vento nas folhas das árvores, o aroma da comida sendo preparada, o cheiro do rio poluído, do peixe da feira, da chuva chegando, enfim, todos os sentidos nos contam algo sobre a ocupação do entorno.

Refletir sobre a ocupação da cidade, em seus diferentes significados, nos torna mais conscientes de fazermos parte dela, compreendendo nossa responsabilidade coletiva sobre a preservação da memória da cidade e também sobre a invenção de futuros possíveis para ela. Compreendida como parte do acervo do Museu da Cidade de São Paulo, a cidade torna-se um patrimônio vivo e em constante transformação, cujas formas de ocupação revelam diferentes saberes, culturas e relações entre as pessoas, outros seres vivos e os lugares onde habitam.

Que tal dar uma volta pelo seu bairro e observar como ele é ocupado por pessoas, construções e plantas? E você, como ocupa a cidade?

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.

BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*, Paris, J. Corti, p.16

Cada pessoa que vivencia São Paulo tem seus encantamentos e incômodos com a cidade. Quem nunca desejou que sua rua fosse mais arborizada, os meios de transporte públicos circulassem por mais tempo ou uma região não causasse insegurança em quem transita lá após certo horário?

Com que cidade você sonha?

Podemos pensar, aqui, no sonho tanto como um desejo quanto, muitas vezes, como a primeira manifestação da imaginação, em estado de descanso. Como tornar possível que essas imagens do inconsciente contaminem nosso estado de vigília? E o quanto o contrário – não dormir, não sonhar – pode dificultar nossa fruição

da cidade? Em relação a isso, o que nos contam as expressões comumente usadas para caracterizar São Paulo – a cidade do trabalho, a cidade que não para?

Quando falamos em imaginar uma cidade onde se gostaria de viver, pode parecer mais fácil projetar algo "do zero", contando com recursos infinitos. Essa infelizmente não é a realidade da maioria das metrópoles, principalmente na América Latina, cuja urbanização ocorreu sem planejamento prévio e cercada por desigualdades.

Mas isso não significa que se deve deixar de imaginar uma vida urbana mais digna. Se conseguíssemos desidealizar nossa relação com São Paulo, compreendendo que a cidade já tem uma história, uma cultura, e que portanto não poderia deixar de existir e ser então "reiniciada", como ela seria para você e para sua turma?

O que está de fato ao nosso alcance?

A política nasce com as cidades e com as negociações que emergem da vivência em comunidade. Se imaginar é ultrapassar a realidade, como escreveu Bachelard, criamos imagens para tornar nossos desejos visíveis e, assim, compartilhá-los, para que sejam comuns ou passíveis de disputa. Portanto, imaginar seria um primeiro passo para transformar uma realidade e tornar um certo presente ou futuro possível. Um bom exercício para encaminhar essa reflexão é olhar as chamadas de jornais sobre São Paulo: quais notícias suscitam tristeza, injustiça ou medo em você? Quais você e sua turma gostariam de estar lendo, ao invés?

O que já foi feito ou está em andamento para criar uma cidade mais acolhedora?

No acervo de história oral do Museu da Cidade de São Paulo, é possível entrar em contato com o relato de movimentos sociais que lutam, por exemplo, por moradia e trabalho digno na capital.

Essa é uma estratégia para abordar a cidade enquanto um campo de forças, território de disputa e em disputa, na medida em que imaginar e lutar pela cidade envolve organização e conflitos. Que tal pesquisar, junto à turma, iniciativas localizadas no bairro da escola? Será que há uma horta urbana, um ponto de cultura ou uma ocupação com quem vocês podem dialogar ou, quem sabe, colaborar?

Outra forma de "imaginar politicamente" é através da arte e das intervenções urbanas. É comum que a vida nas cidades seja pautada por certo imediatismo ou otimização das atividades, o que reduz a dimensão contemplativa do cotidiano. Mas pode ocorrer que, em meio a um trajeto frequente, você dê de cara com uma grande pintura na empena de um prédio ou com um pequeno poema em um lambe-lambe. De que forma essas intervenções te convidam a ver a cidade? Que novas imagens passam a ser criadas?

A arte tem o poder de deslocar nossa percepção, ao propor usos inusitados de espaços ou materiais e, assim, nos convocar a imaginar. Por vezes, ela pode nos deslocar inclusive literalmente! Na Chácara Lane, uma das casas que compõem a rede de bens imóveis do Museu da Cidade de São Paulo, a artista Carmela Gross projetou a intervenção "Escada-Escola" em 2016: a obra é composta por duas escadas metálicas, ligadas por uma curta passarela que conecta o Museu da Cidade à vizinha Escola Municipal de Educação Infantil Gabriel Prestes. Dessa forma, o que antes só poderia ser adentrado por portas oficiais tornou-se mais acessível, encurtando distâncias físicas e simbólicas e propondo uma cumplicidade na brincadeira de vai e vem, um "segredinho" entre o Museu e a Escola, duas instituições onde as vias de acesso devem correr livres e a imaginação política tem papel fundamental.

Como as crianças imaginam e criam a cidade do futuro? Que função o museu e a escola têm nesse processo?

FICHA TÉCNICA

PREFEITURA DE SÃO PAULO
Ricardo Nunes

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Aline Torres

SECRETÁRIO ADJUNTO
Bruno Modesto dos Santos

CHEFE DE GABINETE
Rogério Custodio de Oliveira

DEPARTAMENTO DOS MUSEUS MUNICIPAIS
Marcos Cartum

NÚCLEO DE ADMINISTRAÇÃO
Andréa Lopez Ruiz, Danilo Montingelli, Eliane Aparecida de Oliveira (coordenação), Fernando Luiz de Camargo, George Paulo de Oliveira, Marfísia Lancellotti e Mauro Marcelo de Souza

NÚCLEO DE ACERVO ARQUITETÔNICO
Lannes Galil Moura, Regina Helena Vieira Santos, Ricardo Aguillar da Silva e Roberto de Souza (coordenação), Paulo Henrique Franca Maciel (estagiário)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
Fernanda Mendes Queiroz. Camila Rocha (estagiária)

NÚCLEO DE CURADORIA
Gabriela Rios, Henrique Siqueira (coordenação), Monica Caldiron, Paulo Vinicio de Brito e Sofia Castilho. David Queiroz (estagiário)

NÚCLEO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PÚBLICOS - EDUCATIVO
Adelaide de Estorvo, Emília Maria de Sá e Nádia Bosquê (coordenação)

NÚCLEO DE MUSEOLOGIA E ACERVOS
Brenda Alves Marques, Elton Bueno, Evaldo Piccino, João de Pontes Junior, Mariza Melo Moraes, Paula Talib Assad (coordenação) e Vera Toledo Piza. Gabriela Mesquita de Carvalho e Giulia Nascimento (estagiárias)

NÚCLEO DE PRODUÇÃO
Tereza Cristina Ribeiro Lacerda (coordenação) e Victoria Atalla Lopes (estagiária)

PROGRAMA JOVEM MONITOR CULTURAL
Andressa Oliveira, Bernardo dos Santos e Valéria Ferro

EQUIPES TERCEIRIZADAS
Arteducação Produções – AEP (educadores), MRS São Paulo (segurança patrimonial), MRO (manutenção predial), Paineiras (limpeza)

EQUIPE DE EDUCADORES
Alaíde do Nascimento Cadima
Amanda Filgueiras Coelho Sousa
Cassandra Moira Costa Moura (supervisora)
Frida Clemencia Córdova Reque
Gabriela Díaz Velasco
Giovanni da Silva Fernandes
Gustavo Silva Sousa
Heloisa Rosa Costa Lima
Isabella Stoscheck Constante
Isadora Borges Brito
Lucas Pereira Xavier
Luis Fernando Saab Barbosa
Marcel Cabral Couto
Mariana Rezende Oliveira Primo
Osvaldo Sant'Anna Junior
Pedro Phelipe Pereira Alves
Rafael Windlin Pencinato
Rodrigo Lima de Godoy
Rodrigo Monteiro (supervisor)
Sarah Isis Sousa da Silva
Vitória Carmo
Vitória Dias Cuba
Wellington Conegundes da Silva

PROJETO EDITORIAL E TEXTOS
Divina Prado e Isabela Maia

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES
Prisca Menegasso

SERVIÇOS

Conheça o **Museu da Cidade de São Paulo:**

Solar da Marquesa de Santos
R. Roberto Simonsen, 136
Sé - São Paulo

Casa da Imagem
R. Roberto Simonsen, 136b
Sé - São Paulo

Beco do Pinto
R. Roberto Simonsen, 136
Sé - São Paulo

Chácara Lane
R. da Consolação, 1024
Consolação - São Paulo

Capela do Morumbi
Av. Morumbi, 5387
Morumbi - São Paulo

Casa do Tatuapé
R. Guabijú, 49
Tatuapé - São Paulo

Cripta Imperial
Praça do Monumento, s/n
Vila Monumento - São Paulo

Casa do Grito
Praça do Monumento, s/n
Vila Monumento - São Paulo

Casa do Bandeirante
Praça Monteiro Lobato
Butantã - São Paulo

Casa do Sertanista
Praça Ênio Barbato, s/n
Caxingui - São Paulo

Casa Modernista
R. Santa Cruz, 325
Vila Mariana - São Paulo

Casa do Sítio da Ressaca
Rua Nadra Raffoul Mokodsi, 3
Jabaquara - São Paulo

Sítio Morrinhos
Rua Santo Anselmo, 102
Jd. São Bento - São Paulo

De terça a domingo, das 9h às 17h.

Entrada gratuita, sem necessidade de agendamento para visita espontânea.

Agendamento de grupos por e-mail:
educativomuseudacidade@gmail.com

Contato:
museudacidade@prefeitura.sp.gov.br

www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br

ONDE MORAR?
APRESENTAÇÃO DO MATERIAL
A2
chão_educativo
chão_educativo
ESTRATIGRAFIAS
A5
A15
B2
APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL
IMAGINAÇÃO
POLÍTICA
A19
INVESTIGAÇÕES
OCUPAÇÃO
A10
COMPRO PASSE
B22
SUGESTÕES DE FONTES DE PESQUISA
B4

SUGESTÕES DE FONTES DE PESQUISA

ARTIGOS

1 De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana (2002)
José Guilherme Cantor Magnani
Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt

2 O museu na cidade X A cidade no museu (1984-1985)
Ulpiano Bezerra de Menezes
Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1912

3 Direito à cidade (2018)
Associação Cidade Escola Aprendiz
Disponível em: https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/direito-a-cidade/

CONTEÚDOS DO MCSP ON-LINE

4 Memoricidade: Revista do Museu da Cidade de São Paulo - n.1 v.1 (2020)
Museu da Cidade de São Paulo
Disponível em: https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/download/revista-memoricidade-no-1/?tmstv=1675217190

5 Programa Diálogos no Museu da Cidade (lançado em 2019)
Museu da Cidade de São Paulo
Disponível em: https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/programacao/dialogos-no-museu/

6 Site do Museu da Cidade de São Paulo
Disponível em: https://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br

LIVROS

7 A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção (2002)
Milton Santos

8 El derecho a la ciudad, construyendo otro mundo posible - guía para su comprensión y operacionalización (2017)
Plataforma Global por el Derecho a la Ciudad
Disponível em: https://bit.ly/3m9Sjrk

9 Salto no escuro (2021)
Tuca Vieira

FILMES

10 Metrópole de véus (2021)
Fernando Atique, Francisco Miguez, Martim Passos
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NZQ2955le5M

11 Nunca é noite no mapa (2016)
Ernesto de Carvalho
Disponível em: https://vimeo.com/175423925?embedded=true&source=vimeo_logo&owner=29513392

ESTUDOS E FERRAMENTAS

12 São Paulo
IBGE
Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama

13 Mapa da Desigualdade (2021)
Nossa São Paulo
Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS.pdf

14 Geosampa - Mapa Digital da Cidade de São Paulo
Prefeitura de São Paulo
Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

15 Instituto Pólis
Organização dedicada a estudos, formação e assessoria em políticas sociais com foco no direito à cidade.
Disponível em: https://polis.org.br/

16 Sampa+Rural
Prefeitura de São Paulo
Informações sobre desenvolvimento rural sustentável, turismo, meio ambiente e alimentação saudável, com mapeamento das zonas rurais da cidade.
Disponível em: https://sampamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/

MÚSICAS

17 Rios e ruas (2022)
Filarmônica de Pasárgada

18 Salve (1997)
Racionais MCs

19 São Paulo, São Paulo (1983)
Premê

PODCAST

20 Mano a Mano - Sueli Carneiro (26 de maio de 2022)
Trecho: 23’04” - 24’07”
No trecho, Mano Brown e Sueli Carneiro discutem como Geledés - Instituto da Mulher Negra foi importante como local de encontro da juventude de diversas regiões periféricas de São Paulo e como este local contribuiu na formação dessa juventude.

Seguem algumas ideias:

- **migrantes**
- **indígenas**
- **centro**
- **periferia**
- **movimento social**
- **escola**
- **nomes de ruas, bairros ou pontos de interesse**

Por meio desse exercício, vocês também podem observar as diferentes formas pelas quais o Museu aborda seus temas: exposições, rodas de conversa, oficinas, publicações, prêmios... quais atividades chamaram a atenção do grupo?

Na aba "Exposições", reparem que é possível acessar tours virtuais que mostram exposições temporárias sobre temas como arquitetura, fotografia e resistência.

Acesse por aqui: **http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br**

3 4 5 11 12 13 15

OLHAR FOTOGRÁFICO

4

A fotografia pode ser uma ferramenta acessível e instigante para pesquisar o contexto urbano. Após observar algumas delas nos cartões deste material educativo, que tal sugerir ao grupo que fotografe a cidade, com celulares ou câmeras que estiverem ao seu alcance?

Vocês podem usar os ícones deste material e levantar temas como paisagem, transporte ou lixo, por exemplo, e realizar comparações ou simplesmente acúmulos de imagens, compondo um grande mosaico cujo principal objetivo é representar a experiência da turma ao longo desta investigação.

Alguns cuidados podem ser importantes: realizar o exercício acompanhado, se possível; pedir permissão em caso de fotografar o rosto de outras pessoas; prestar atenção ao entorno e à segurança em locais públicos.

- **Peça para as pessoas participantes pensarem em perguntas como:**
- **O que acontecerá com a cidade nos próximos 2 anos? E nos próximos 30? E nos próximos 200?**
- **Como será viver nessa cidade daqui a 10 anos?**
- **Qual será o papel das pessoas participantes hoje na cidade do futuro?**

E então peça para que escolham aleatoriamente, sem ver o conteúdo, tantas cartas quantas forem as perguntas. Ao virar-se cada cartão, que respostas podem surgir a partir da interpretação das imagens?

NARRAR A CIDADE

4

Os museus também contam histórias, através de arquiteturas, entrevistas, objetos, imagens... que tal usar os cartões deste material educativo para criar uma história com o grupo?

Cada participante pode ter um ou mais cartões ou eles podem ser tirados aleatoriamente de uma pilha.

Na vez de cada pessoa, ela pode usar um cartão para representar uma parte da história e assim por diante, criando uma narrativa colaborativa.

Você também pode associar a história a uma atividade de escrita ou desenho, deixando, por exemplo, o fim em aberto para que cada pessoa termine como preferir e depois compare seu final com o de outra!

INVESTIGANDO O SITE DO MUSEU

Explorar o site do Museu da Cidade de São Paulo é um exercício de aproximar-se da instituição, mesmo que isso não envolva a visita a uma das suas 13 casas.

Se for possível projetar uma tela ou que a turma acesse a internet, que tal levantar palavras-chave junto ao grupo e observar como elas aparecem nos resultados da busca?

Os elementos representados pelo grupo coincidem em alguma medida com a realidade?

Em caso negativo, o que poderia ser feito para que essa imaginação se concretizasse?

Quem são os destinatários elencados pelas pessoas participantes e o que eles podem revelar sobre a relação delas com a cidade imaginada?

NOTÍCIAS DO FUTURO

2 7 14

Mostre à turma chamadas de jornal que dizem respeito à cidade de São Paulo como um todo ou aos bairros onde moram as pessoas participantes, se possível em uma variedade de veículos. Dentre os resultados, quais o grupo considera que causam incômodo, tristeza ou insegurança?

E quais notícias o grupo gostaria de estar lendo, ao invés?

Você pode imprimir algumas chamadas e tanto sugerir que os estudantes as modifiquem com canetas quanto pedir que criem novas notícias a partir de colagens, reordenando as palavras impressas. Quem sabe o grupo não seleciona uma e desenvolve até mesmo o texto jornalístico que acompanhará o título!

Para essa atividade, é importante também mediar a discussão sobre o que podem ser desejos individuais e coletivos, além de sensibilizar para os direitos humanos. Podemos pensar que uma São Paulo melhor para quem está em situações mais vulneráveis será uma cidade melhor para todo mundo?

Que palavras o grupo acrescentou às notícias? Quais foram retiradas?

O que as notícias criadas podem revelar sobre os desejos do grupo para o futuro da cidade?

É possível que o grupo realize alguma ação conjunta que contribua para a concretização desses desejos noticiados?

FUTUROLOGIA URBANA

2 7 14

Que tal usar os cartões deste material para conversar sobre o futuro da cidade de São Paulo?

Uma dessas maneiras é a história oral: conjunto de entrevistas, a partir de temas de pesquisa, com pessoas que acumularam vivências significativas relacionadas à cidade de São Paulo.

Muitas vezes o patrimônio está em nossa própria casa! Será que as pessoas participantes têm convivência com outras mais velhas, que puderam experimentar outros momentos da cidade e suas transformações?

Experimente elaborar um roteiro de perguntas junto ao grupo e pedir que gravem áudios com esses "personagens", comparando os resultados depois. Que tal usarem os cartões do material como disparadores de conversa com as pessoas entrevistadas?

Seguem algumas sugestões baseadas nos roteiros de história oral do MCSP:

- **Qual é seu nome, local e data de nascimento?**
- **Quais os nomes dos seus pais e origem da sua família?**
- **Você lembra da casa onde passou sua infância? Como era?**
- **E o bairro? E a cidade?**
- **Quando começou a trabalhar e qual foi seu primeiro trabalho?**
- **Que trajeto fazia até o trabalho, caso fosse fora de casa?**
- **Onde ia e o que fazia em momentos de lazer?**
- **O que mais mudou na cidade desde então?**

Quais aspectos das entrevistas mais chamaram a atenção do grupo?

Como os relatos se aproximaram e como se diferenciaram?

POSTAL IMAGINÁRIO

2 7 14

O grupo possui postais ou já ouviu falar sobre essa mídia? Eles geralmente apresentam formas "positivadas" de se lembrar de um lugar, tendo em mente a experiência turística; podem ser registros de grandes monumentos ou de algo considerado típico da vida em determinada cidade ou país.

Mas o que as pessoas participantes gostariam que fossem os elementos que caracterizam a sua cidade ou o seu bairro? Que paisagens, manifestações culturais ou monumentos desejam ver em um postal imaginário?

Normalmente, os postais têm 10x15cm e contam com uma breve mensagem no verso. Peça que criem esse lugar, usando desenhos ou colagens, e escrevam sobre ele no verso. Quem sabe vocês não o enviam a alguém?

1. Na atividade **“Eu espio”**, você pode iniciar anunciando um modelo: “Eu espio com meus olhos…” e continue a frase com algo que se pode observar na cidade através das janelas do ônibus: pode ser uma cor, uma forma, uma placa, um tipo de monumento.

As pessoas participantes que encontrarem algo dentro da categoria anunciada devem responder com o que viram:

É a estação de trem!
É o rio!
É a bandeira do estado!

E a turma pode se revezar no papel de quem anuncia o que se deve observar.

2. Um jogo de bingo é sempre divertido! Você pode criar as categorias ou fazer esse processo junto à turma, levantando fantasias sobre o que irão ver no trajeto da escola até o destino do grupo.

Podem até valer duas coisas na cartela: tanto o sorteio das categorias quanto a observação do item pela janela do ônibus.

Em um buscador de sites, use palavras-chave como “geradores de cartelas de bingo” e “roletas de sorteio” para facilitar a criação de materiais para essa atividade.

3. A atividade **Acerte ou erre** também é uma ótima opção, principalmente em suas variações sobre observação da paisagem (incluindo a sonora, é claro). Porém, esse jogo exigirá boas habilidades de escrita devido ao balanço do busão!

4. Seguindo a mesma linha das brincadeiras para os fortes de escrita, que tal um **“Stop”** direcionado?

Para cada letra sorteada do alfabeto, uma palavra dentro das categorias. Quem preencher tudo primeiro, grita: **pare!**

Campos em branco - 0 pontos
Campos repetidos entre participantes - 5 pontos
Campos com respostas que só uma pessoa escreveu - 10 pontos

Vocês podem usar as categorias de **Acerte ou erre** e misturá-las com novas ideias – ou até com outros assuntos que o grupo goste de debater, para descontrair ainda mais.

Que conhecimentos ou expectativas o grupo tinha sobre o trajeto?

Que aspectos da paisagem agradaram, desagradaram, surpreenderam ou atrasaram o grupo?

HISTÓRIA FALADA

5

É possível conhecer a história da cidade de muitas formas, inclusive pelas encontradas no MCSP: por meio da arquitetura de casas, documentos, fotografias, mapas, objetos...

MAPEAR O INVISÍVEL

3 10 12

Se imaginarmos que a cidade é um papel e nossos corpos são lápis ou canetas, que desenhos criamos quando transitamos por ela? Neste exercício, as escalas calculadas de um mapa são menos importantes do que a sensação do deslocamento pela cidade.

Peça que as pessoas participantes fechem os olhos e imaginem o caminho da própria casa até a escola, de acordo com sua lembrança e com o meio de transporte que usam. Passam por longas e retas avenidas? Viram muitas esquinas à esquerda? Caminham por uma rua esburacada onde devem desviar de obstáculos?

Em seguida, sugira às pessoas participantes um exercício espacial e visual: usando uma lousa, um grande pedaço de papel ou mesmo o próprio chão da sala de aula, delimite um espaço para cada participante ou agrupe-as por proximidade entre ruas ou bairros. O centro da superfície escolhida representa a escola.

Então, usando canetas, tinta, lápis, giz ou até linhas de barbante (se forem coloridas, melhor ainda!), cada participante vai traçar seu trajeto até a escola, imaginando uma representação visual e linear desse caminho. Que tal colocar uma música para delimitar o tempo da atividade?

Ao final, observe com a turma que desenhos esses caminhos fizeram. Peça, para quem se sentir confortável, que compartilhe suas produções e o motivo de suas escolhas. Que tal registrar nesse mapa o que o grupo comentou, por escrito, desenho ou usando imagens da cidade, e expor essa produção a outras turmas, talvez pedindo ainda mais intervenções?

Que desenhos o nosso deslocamento traça pela cidade?

Onde as linhas se cruzam e que figuras formam?

Quais caminhos são similares e por quê?

BRINCADEIRAS DE BUSÃO

16 17 18

Que tal uma brincadeira para aquecer os sentidos antes da visita ao Museu da Cidade de São Paulo – ou em qualquer estudo do meio que você realize com a turma?

Então, cada participante terá sua vez e irá girar um dado:

- Se der número par, a rodada é de **Acerte**: a pessoa da vez deve apontar algo de sua lista que ela acha que outras também listaram. Ela ganha um ponto para cada pessoa que listou o mesmo item e cada uma que incluiu o item também ganha um ponto naquela rodada.
- Se der número ímpar, a rodada é de **Erre**: a pessoa deve apontar algo de sua lista que ela acha que ninguém ou poucas pessoas listaram. Ela ganha um ponto para cada pessoa que não listou o item anunciado.

Seguem algumas ideias de categoria para refletir sobre São Paulo:

- **bairros;**
- **lugares que se transformaram completamente nos últimos 5 anos;**
- **estações de metrô ou linhas de ônibus;**
- **sons que você está ouvindo neste exato momento;**
- **ruas por onde você passa sempre;**
- **pontos onde você não gosta de passar;**
- **museus, centros culturais ou parques que você conhece ou já ouviu falar.**

O que mais surpreendeu o grupo durante a brincadeira?

Foi mais o que o grupo lembrou ou mais o que o grupo esqueceu de listar?

Foram as semelhanças ou as diferenças entre as listas?

A união dessas listas pode gerar um mapeamento de como a turma vivencia a cidade?

A IMAGEM CONTINUA

8
10

Determine ou escolha junto ao grupo uma imagem de um dos cartões deste material educativo. Posicione-a em uma superfície maior (que pode ser um cartaz, uma lousa ou uma parede) e peça que a turma "continue" a imagem! Por exemplo: se for a fotografia de uma rua, o que poderíamos encontrar ao dobrarmos a esquina?

Você pode sugerir que as pessoas participantes usem desenhos, pinturas ou colagens.

Se a turma for dividida, a imagem que originou a produção pode até ser retirada e um desafio lançado: será que os outros grupos saberão qual cartão iniciou a obra, dentre os disponíveis?

Se experimentarmos sobrepor outras imagens à produção das pessoas participantes, que outros sentidos ela vai gerar?

Que referências o grupo vai mobilizar a partir da imagem do cartão? Como elas se relacionam às vivências do grupo na cidade ou ao seu imaginário sobre ela?

CAMINHAR É PRECISO...

1 6

Uma forma de refletir sobre a cidade para além de mapas ou visões postais é caminhar com intenção de registrar o que nos chama a atenção. Ainda que no mesmo bairro da escola ou no próprio quarteirão, propor ao grupo "estranhar o familiar" pode ser um exercício surpreendente.

Convide as pessoas participantes a se tornarem investigadoras da paisagem urbana! Sugira uma caminhada e que cada uma leve um caderno, algo para anotar e um saquinho. Quem tiver celular ou câmera pode também tirar fotos. Você pode pedir que anotem qualquer coisa que chame a atenção das pessoas participantes ou dar orientações como:

- **Quantas placas de "Aluga-se" você viu?**
- **Colete as plantas que te interessarem e guarde-as no saquinho.**
- **Escolha um ponto e faça um desenho rápido. Convide outra pessoa do grupo a identificar o que você traçou.**
- **Identifique um transeunte e imagine que é um personagem: descreva sua roupa, seus trejeitos, de onde imagina que está vindo e para onde vai.**
- **Encontre uma superfície com um padrão interessante e realize uma frotagem.**

Outra possibilidade de estender a atividade para um projeto, por exemplo, é incluir nesses registros o que o grupo gostaria de ter encontrado nesse entorno. O que tornaria a vizinhança mais agradável, a princípio para si, mas considerando também o bem-estar coletivo?

Após a atividade, alguém do grupo reparou em algo que nunca havia visto antes?

O que a junção desses registros revela sobre o trajeto percorrido, ainda que de forma poética?

O quão diferente é navegar pela cidade de bicicleta, carro, ônibus, metrô ou a pé? Se cada estudante puder mudar o meio pelo qual se desloca até a escola, o que vai mudar em sua percepção da cidade?

ACERTE OU ERRE

1 12 16 17 18

Talvez você até já conheça essa brincadeira: ofereça uma categoria ao grupo (por exemplo: sons da cidade) e delimite um tempo para que façam uma lista de tudo que lembram dentro daquela categoria.

FROTAGEM

A ocupação humana na cidade deixa marcas, acumulando camadas que se tornam mais ou menos visíveis ao longo do tempo, tanto de forma simbólica quanto material. Para investigá-las, talvez o sentido da visão não seja suficiente. Como guardar a experiência do tato na cidade?

Uma possibilidade é trabalhar com frotagens, que são representações visuais de texturas e relevos. Para explorar essa técnica, escolhe-se uma superfície, apoia-se um papel por cima e rabisca-se de forma leve com lápis ou giz de cera, variando a pressão para experimentar diferentes resultados e colecionar texturas.

- **Os papéis utilizados podem ser de variadas cores e formatos, ou até mesmo conter desenhos e mapas;**
- **Vocês podem associar essa atividade a um jogo de adivinhação, propondo que as pessoas participantes também fotografem o que frotaram e desafiem colegas a fazer a relação certa;**
- **As frotagens podem ser realizadas durante uma caminhada em conjunto, de forma conectada a outras propostas, ou durante o trajeto até a escola, incluindo o bairro de cada participante.**

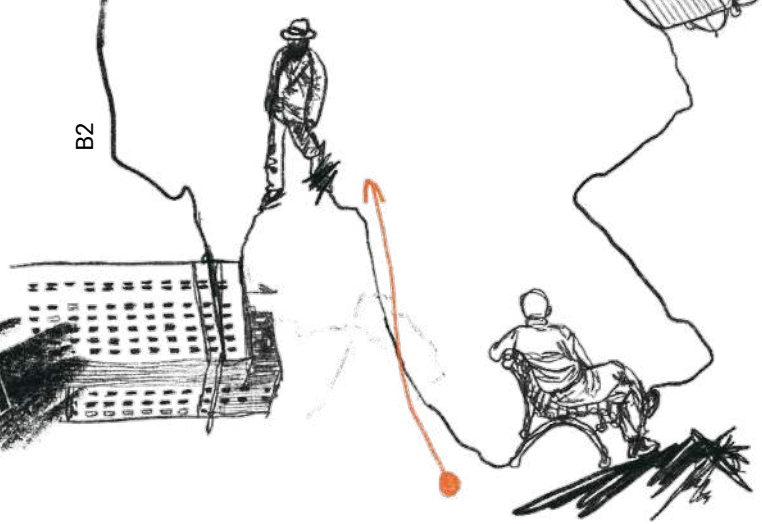
O que as texturas podem revelar sobre a cidade?

Como elas se aproximam ou se diferenciam?

Que descobertas sobre a cidade o sentido do tato proporcionou ao grupo?

A cada atividade de investigação serão indicadas **SUGESTÕES DE FONTES DE PESQUISA**, sinalizadas por números e rastreáveis nas páginas B22 e B23.

1
6



Neste ano, 2023, o Museu da Cidade de São Paulo completa 30 anos de existência. São décadas dedicadas a incorporar a suas ações os roteiros, histórias, obras e memórias correspondentes ao que é a cidade, bem como a registrar os seus impactos, ajuntamentos, cuidados e descasos. Sob a tipologia "museu de território" [ICOM/UNESCO], vem contribuindo para a discussão e a reflexão quanto ao cenário contemporâneo de seu próprio objeto: a cidade. Portanto, registrar e lidar com percursos diversos, por vezes dolorosos, é parte do compromisso que o Museu da Cidade de São Paulo assume com a memória e a realidade paulistanas.

O Núcleo de Formação e Desenvolvimento de Públicos do Museu da Cidade de São Paulo atua, principalmente, no estabelecimento de diálogos ativos com a comunidade que frequenta a instituição. Para isso, são propostas ações educativas interessadas em contemplar as diversidades e complexidades dos grupos sociais que habitam a cidade, em atividades mediadoras que envolvem os acervos e exposições e suas múltiplas potencialidades de fruição, na articulação com os atores sociais e instituições que habitam os territórios onde o museu se faz presente. Desse modo, fortalece as múltiplas vozes e culturas que permeiam as histórias, memórias e construções de São Paulo, reforçando os compromissos ético-políticos que animam a instituição.

O Núcleo, ainda, é responsável por aglutinar, transversalmente, todas as unidades da rede ao redor de um projeto político-pedagógico comum, fruto de empenho crítico e coletivo – aberto e em constante disputa – de um conjunto, diverso em suas origens e marcações, de educadores-pesquisadores implicados em ativar os saberes, imagens e sonhos em trânsito na instituição, junto às comunidades representadas nas narrativas constituintes das exposições sistêmicas e temporárias, que tomam lugar nas casas que conformam o museu em seu conjunto polinuclear.

As construções de pensamento e prática do Núcleo estruturam-se a partir de sua organização ao redor de grupos de trabalho enredados às mais diversas dimensões contemporâneas e cotidianas da realidade da cidade, a saber, a articulação territorial, as questões de raça e gênero, as acessibilidades e o clube de leitura "tramas urbanas", interessado em promover a palavra escrita como ferramenta interpretativa e criativa acerca da realidade histórica e atual do município – e do mundo.

Desejamos, com este material, potencializar o canal de diálogo entre o Núcleo e os trabalhadores dos diversos campos da educação, para que possamos, cada vez mais, compreender as necessidades dos âmbitos arte-educativos e fornecer recursos para que o Museu possa ser, cotidianamente, um espaço democrático voltado às práticas críticas, através de suas proposições e da forma como se apresenta e se pensa a cidade. Sejam, todes, bem-vindes.

Núcleo de Formação e
Desenvolvimento de Públicos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maia, Isabela
Chão educativo / Isabela Maia, Divina Prado ; organização Museu da Cidade de São Paulo ; ilustração Prisca Menegasso. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2023.
52p. : il;

Bibliografia.
ISBN 978-65-997460-1-7

1. Educação 2. Educação - São Paulo (SP) 3. Museus - Aspectos educacionais 4. São Paulo (Cidade) - História I. Prado, Divina. II. Museu da Cidade de São Paulo. III. Menegasso, Prisca. IV. Título.

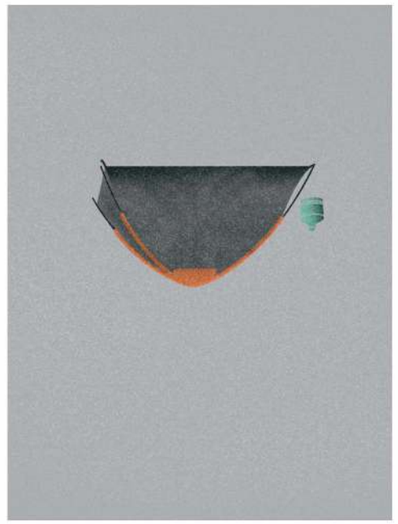
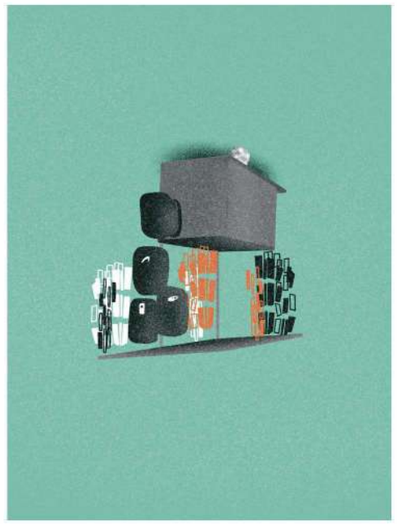
23-142813 CDD-370.733

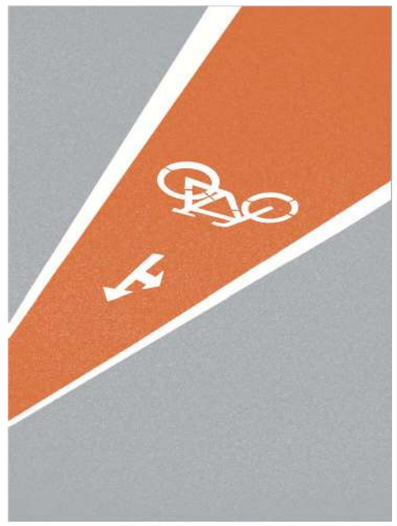
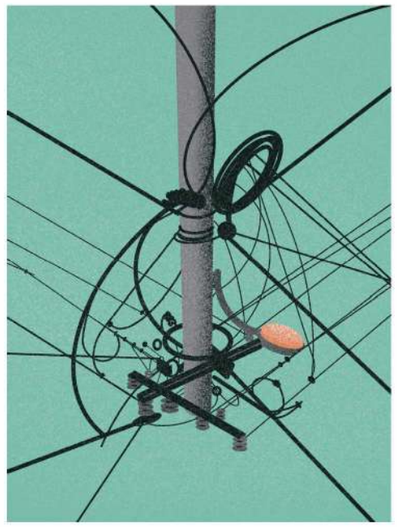
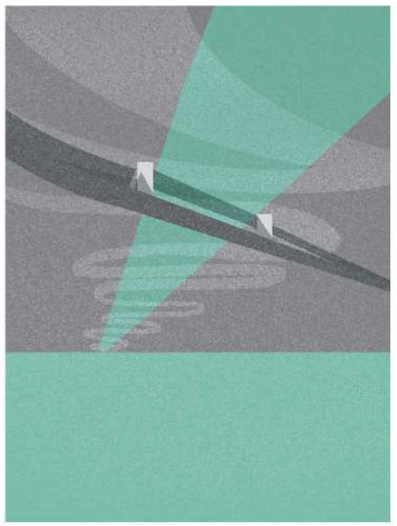
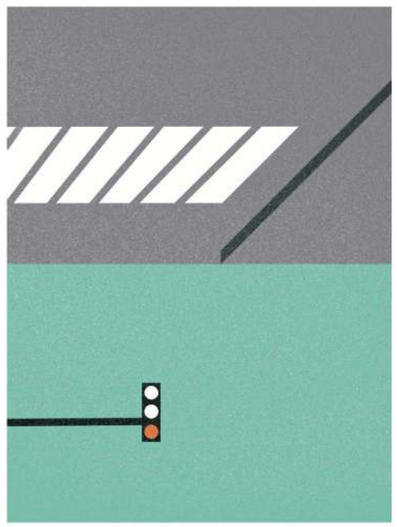
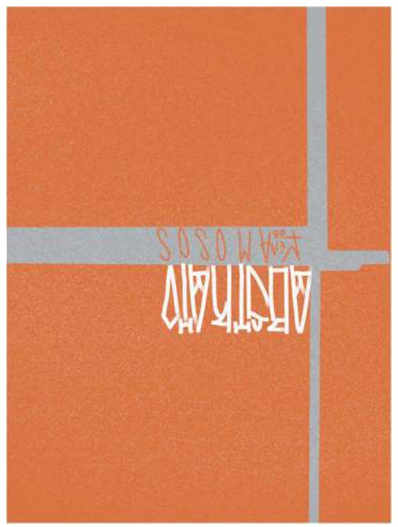
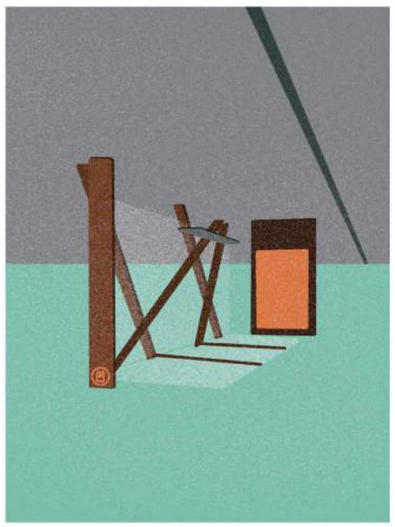
Índices para catálogo sistemático:
1. Museus : Prática de ensino : Educação 370.733

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

msp 30 1993 - 2023 museu da cidade de são paulo

chão
espaço

ii*%#





ACTIVATE
WINDOWS


O que este lugar já foi antes de ser o que é hoje?

Qual caminho você fez para chegar até aqui?

O que faz com que um território seja uma cidade?

De onde vêm os nomes das ruas, avenidas, pontes e rios da cidade?

Como ver coisas invisíveis na cidade?

Para quem é a cidade?

O que faz a gente se achar ou se perder na cidade?

Quantos centros tem a cidade?

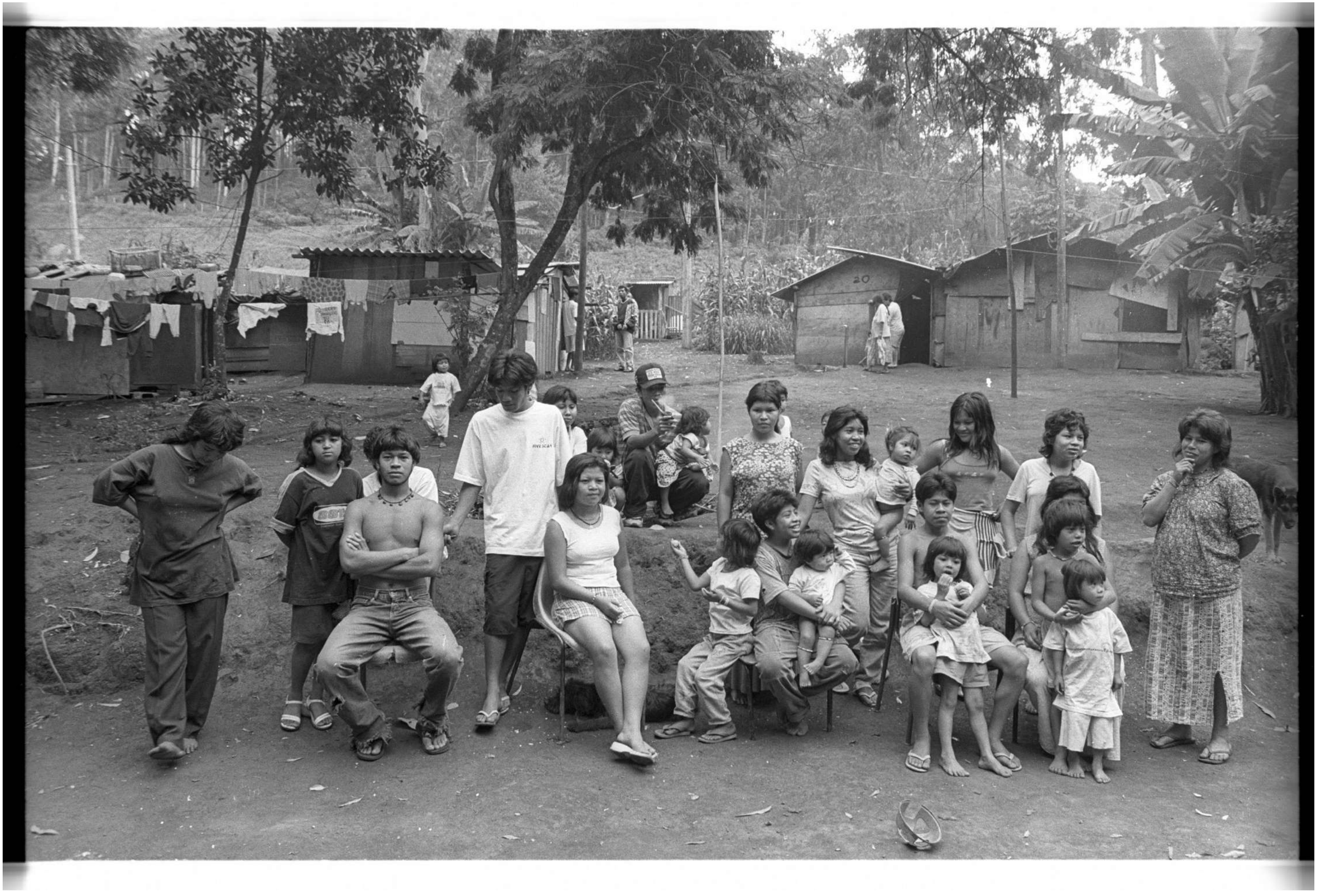
Onde precisamos estar para conseguir olhar a cidade?

Em quais lugares da cidade você é estrangeira/o/e?

Como você imagina a cidade de São Paulo ideal?

Como você conta a sua história na cidade?

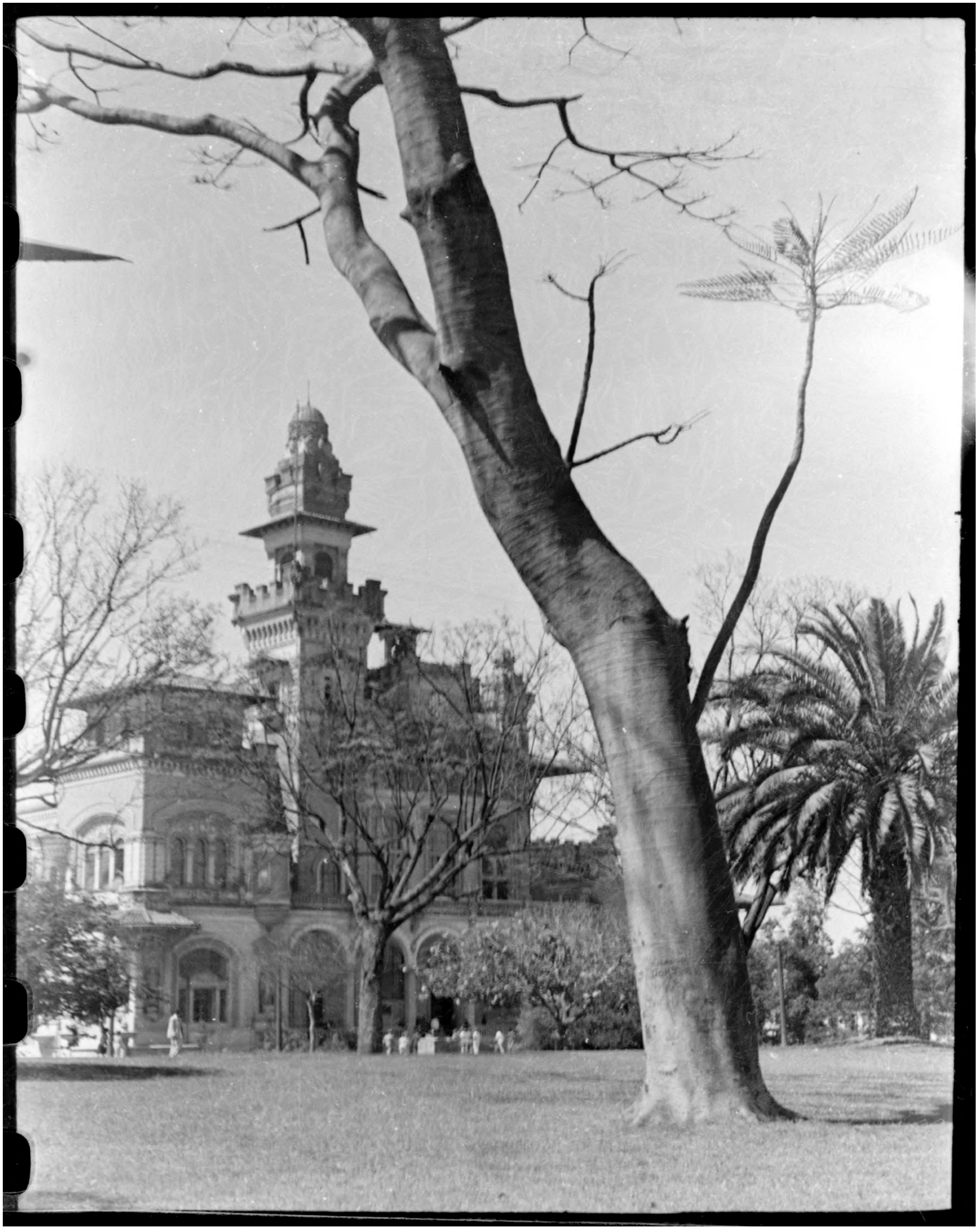
Largo do Café (1936)
Benedito Junqueira Duarte



Aldeia Jaraguá (2002)
Cláudia Alcovér

Expedição São Paulo 450 anos (2004)

Daniela do Amaral Alfonsi



Palácio das Indústrias (1941)

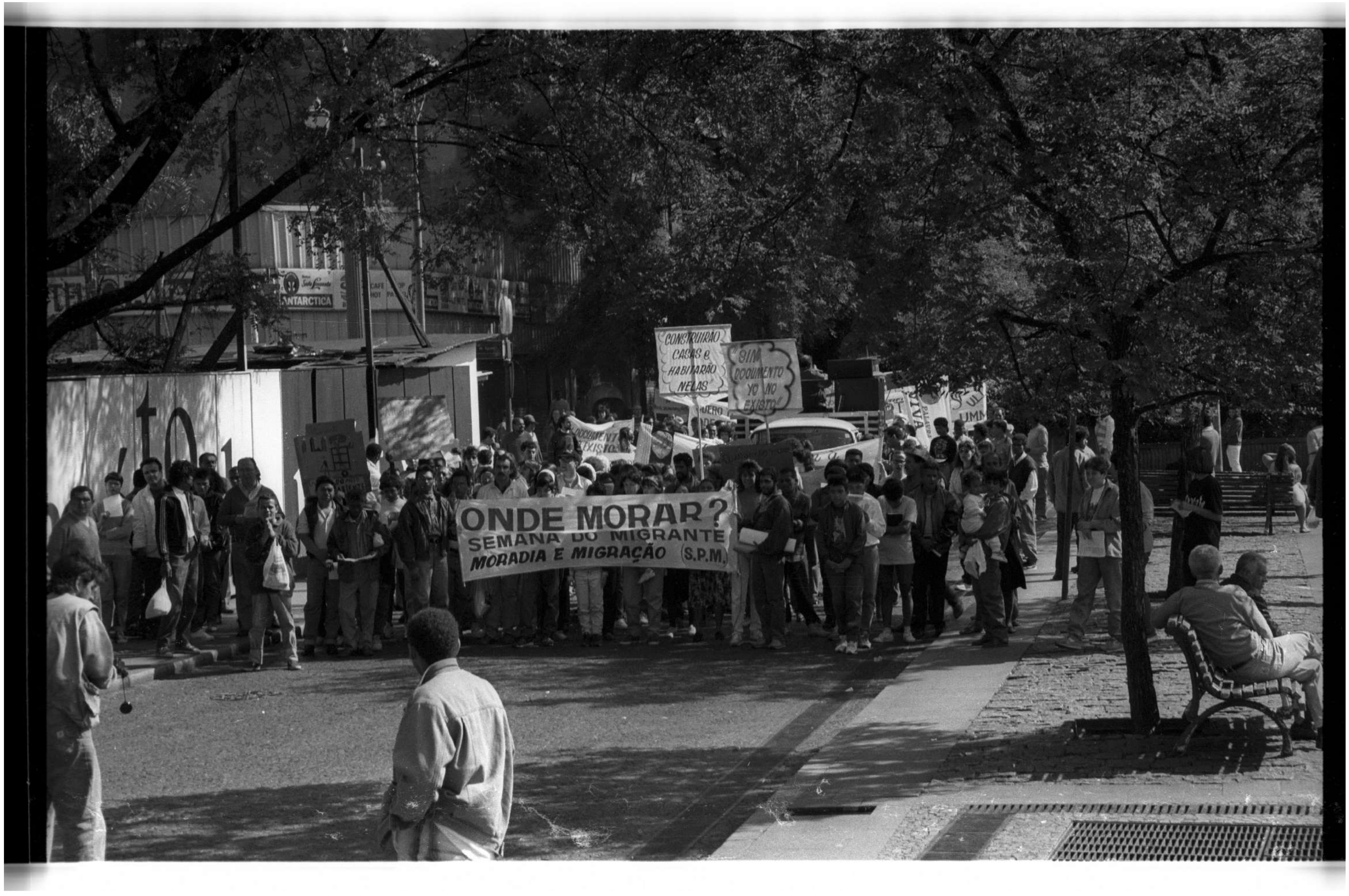
Benedito Junqueira Duarte

Rua da Cantareira (1940)
Benedito Junqueira Duarte

Anhangabaú (2001)
Cláudia Alcovér

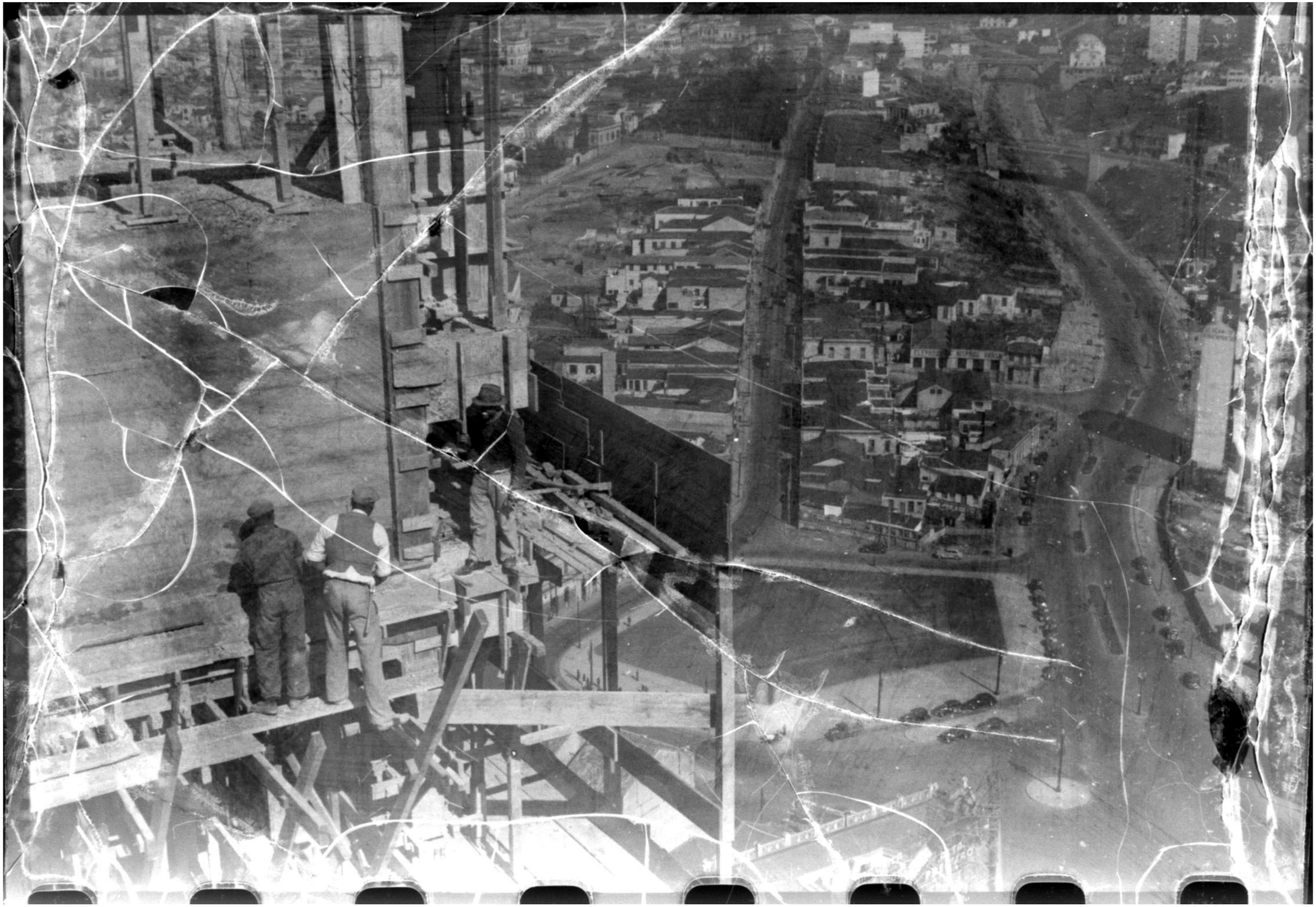
Rio Tietê (1887)
Militão Augusto de Azevedo

Vista da Cidade (2001)
Cláudia Alcovér



Caminhada do Migrante (1993)
Maria Luiza Martinelli

Rua Frederico Alvarenga (2002)
Cláudia Alcovér



Av. 9 de Julho (1941)
Benedito Junqueira Duarte

Vista geral da cidade de São Paulo (1862)
Militão Augusto de Azevedo

ESCADA-ESCOLA (2016), de Carmela Gross

Fotografia de Everton Ballardin